

Kurt Lewin  
0/3/5

→ Ideia central =  
O grupo fundamental  
o sujeito  
conceitos fundamentais  
↳ dinâmica de grupo  
↳ Campo (Forças do campo - grupo)  
↳ barreira  
↳ locomotor

→ Positividade - Experimento  
social  
↳ líder - dominância  
↳ papéis

Ana Elisa e Marim  
TO. 104  
Dinâmicas e  
Ativ. grupais  
Prof = Iu'

## INTRODUÇÃO

por GORDON W. ALLPORT  
Professor de Psicologia da Universidade de Harvard

**KURT LEWIN** nunca escreveu um manual em toda a sua vida extremamente produtiva. As monografias e os artigos eram seus meios favoritos de expressão. Através deles e de sua influência pessoal sobre alunos e colegas, Lewin produziu uma importante revolução no estudo científico do homem em sociedade.

Todavia, estudantes precisam de manuais. Os artigos e as monografias são inacessíveis, caros e sem encadeamento. Até agora, o estudante, para compreender o sistema de pensamento de Lewin, recorria a *Uma Teoria Dinâmica da Personalidade* — coletânea de artigos publicada em 1935, ou a *Princípios de Psicologia Topológica* — apresentação de conceitos fundamentais em nível avançado, impressa em 1936. Os dois volumes foram publicados praticamente antes de Lewin ter iniciado seus notáveis estudos no campo da ciência social. Felizmente, contamos agora com esta coleção de artigos, para uma introdução cômoda à psicologia social de Lewin.

Embora escritos em épocas diferentes — de 1935 a 1946 — os treze capítulos aqui organizados para publicação apresentam uma progressão lógica de pensamento. Ajustam-se tão bem, que quase parecem ter sido escritos deliberadamente para publicação conjunta num livro. O tema unificador é inequívoco: o grupo a que pertence o indivíduo constitui a base de suas percepções, ações e sentimentos. A maioria dos psicólogos preocupa-se tanto com aspectos destacados da vida mental do indivíduo, que tende a

esquecer que a base do grupo social dá ao indivíduo sua configuração. Assim como o leito do rio talha a direção e o ritmo do fluxo d'água, o grupo determina o curso da vida do indivíduo. Esta interdependência entre a base e o curso configurado é inevitável, íntima, dinâmica, mas também indefinível.

Alguns autores, ao enfrentar esta relação indefinível, falaram vagamente de "influência do grupo sobre o indivíduo", "determinismo cultural" ou "mentalidade de grupo". Alguns simplificaram excessivamente a relação, em sua exagerada alegação de que a "personalidade não passa do lado subjetivo da cultura." Outros resolveram o problema pela divisão do indivíduo em diferentes segmentos: os segmentos determinados pelos fatores sociais formam "a estrutura básica da personalidade", e imagina-se que esta se aplique a todos os membros de um grupo; os restantes segmentos são considerados como biologicamente determinados ou como "peculiaridades". Todavia, todas essas soluções falham, seja porque incorrem em petição de princípio, seja porque propõem divisões artificiais onde, de fato, não existe nenhuma divisão.

A importante contribuição de Lewin vem de sua demonstração de que é possível estudar a interdependência entre o indivíduo e o grupo, de maneira mais equilibrada, através da aplicação de alguns conceitos novos. Embora este livro contenha principalmente artigos de caráter concreto, baseados em fatos, cada um deles mostra claramente como esses conceitos novos são secundos para a compreensão do fenômeno em questão. Os conceitos de Lewin são notáveis, porque tanto servem para esboçar situações concretas, quanto para formular generalizações científicas. Como indica a Sra. Lewin no Prefácio, seu marido preocupava-se em construir uma sólida ponte entre o concreto e o abstrato, a ação e a teoria sociais. A partir dessa dupla perspectiva, é possível compreender melhor os artigos desta série. Eles apresentam uma qualidade viva e atraente, porque os problemas de que tratam têm importância e interesse evidentes para todos nós. Ao mesmo tempo, contudo, a apresentação oscila constantemente entre os dados e a teoria, o material e os conceitos.

Para o estudante pode ser útil, de modo geral, observar que os conceitos explicativos de Lewin são, *grosso modo*, de três tipos. Muitos deles são adaptações da Geometria, ou mais precisamente da topologia — um ramo da Geometria que trata das relações espaciais, sem considerar a mensuração quantitativa. Exemplos: *espaço*

*de movimento livre, espaço de vida, região.* O segundo tipo de conceitos baseia-se na psicologia dinâmica do indivíduo (por exemplo, *necessidade, nível de aspiração, saciedade*). Estes conceitos referem-se, em sua maioria, a *sistemas de tensão* interiores da pessoa. Sempre que Lewin acha necessário falar simultaneamente desses sistemas internos de tensão do indivíduo e das pressões provenientes do campo ao seu redor, introduz um terceiro tipo de conceito, como as *forças de campo* (motivos que dependem nitidamente de pressões do grupo), *barreiras* (obstáculos à ação individual, resultantes de restrições do grupo), ou *locomoção* (mudança da posição do indivíduo em relação ao grupo). Naturalmente, são inseparáveis esses três aspectos de seu pensamento. Todos os seus conceitos, quaisquer que sejam as raízes metafóricas que utilizem, consistem de um único sistema bem integrado. Além desses três tipos de instrumentos conceptuais, Lewin utiliza outros, cuja natureza é praticamente auto-explicativa. Entre esses podemos incluir: *atmosfera de grupo, níveis de realidade, perspectiva de tempo, decisão de grupo e sentimento de grupo.* O leitor prontamente os ajustará ao esquema total da teoria lewiniana.

Dada a coerência interna do sistema de pensamento de Lewin — que, para facilitar, é geralmente denominado de *teoria do campo* — pouca dificuldade terá o leitor para aprender como utilizar os vários conceitos específicos, que compõem a teoria como um todo. Também não é preciso aceitar o sistema total, para beneficiar-se de seu brilhante discernimento ou para utilizar convenientemente seus agudos instrumentos analíticos. Certos psicólogos atuais, que fazem restrições a algumas das notáveis formulações de Lewin, aceitam outras como instrumentos padrões no trabalho em Psicologia. Entre os conceitos mais aceitos estão os de *barreira, volta, nível de aspiração, regiões centrais da personalidade, rigidez, saciedade, atmosfera de grupo, decisão de grupo, pesquisa de ação.*

O caráter pioneiro dos métodos de Lewin não é menor que o da sua teoria. Mais que qualquer outro pesquisador, conseguiu êle adaptar a experimentação — o método preferido de pesquisa científica — a problemas complexos da vida do grupo. É espantosa a sua engenhosidade. Problemas que poderiam parecer inteiramente inacessíveis à experimentação, renderam-se à sua investida. Uma década atrás, os cientistas sociais se revigoraram com a sua demonstração de que a evanescente questão da atmosfera política poderia ser refundida num planejamento experimental. Ele criou cora-

Topologia / Psicologia / Sociologia / Antropologia / Geografia / História / Filosofia / Ciências Sociais e Humanas

Al

josamente uma estrutura de grupo autoritária e outra democrática, para meninos de onze anos, e registrou cuidadosamente as consequências.

Em outro setor, perguntou a si próprio o que aconteceria a grupos organizados e desorganizados, em condições de pânico, e descobriu a resposta pela experimentação. Perguntou: como contramestres arbitrários e angustiados podem ser adestrados de novo, eficientemente, a fim de melhorar as relações sociais e, com isso, a produção numa fábrica? Os cientistas sociais espantaram-se com os corajosos experimentos de Lewin e não poucas vezes chegaram a criticá-lo. Contudo, ele jamais recuou em sua convicção, afirmada no início do Capítulo 5 deste livro: "Estou convencido de que é possível realizar experimentos de Sociologia, com tanto direito à denominação de científicos quanto os da Física e da Química."

Antes de empreender a redução de um problema de conflito de grupo a um experimento decisivo, Lewin ficava muito tempo a observá-lo em situações reais. Muitos dos capítulos deste livro não se baseiam, de fato, na experimentação, mas em sua observação penetrante e ininterrupta de fatores incluídos na situação do conflito em aprêço. Estou certo de que se o tempo e a energia lhe permitissem, teria finalmente submetido a tratamento experimental muitos outros fenômenos que discute.

No primeiro capítulo — um dos mais brilhantes do livro — fixa corajosamente o problema da comparação de psicologias nacionais. Quais as diferenças existentes entre os elementos sociais na Alemanha e nos Estados Unidos, para que as crianças criadas nesses países desenvolvam tipos apreciavelmente diferentes de personalidade? Esse ensaio introduz, com acentuada clareza, alguns dos conceitos básicos da teoria de campo, especificamente os ligados à pessoa, como uma região diferenciada, marcada por camadas de organização tanto superficiais quanto profundas.

Os três capítulos seguintes desenvolvem o tema, com referência específica ao problema da reeducação democrática. Se existem aspectos do caráter nacional que se opõem à paz mundial, a solução está na alteração do clima político e cultural em que se desenvolve o caráter hostil. Por exemplo, a fim de tornar mais democráticos os alemães, é preciso alterar-lhes a liderança e os valores. Pois, a menos que seja alterada a estrutura do grupo que

os inclui, não é possível transformar fundamentalmente os indivíduos.

Para Lewin, a liderança é o determinante decisivo da atmosfera do grupo. Em quase todos os casos, uma boa solução dos conflitos sociais exige a atividade de líderes preparados e democráticos. Essa liderança não é uma simples utilização de alguns meios engenhosos para permitir que as pessoas se sintam bem: um líder democrático não é apenas uma pessoa hábil, capaz de convencer. O processo democrático é complexo e é preciso preparar tanto os líderes quanto os membros do grupo para nele desempenhar os respectivos papéis. Mesmo os norte-americanos, apesar de sua familiaridade intrínseca com a democracia, precisam praticá-la continuamente e aperfeiçoar suas atividades de grupo.

Existe uma surpreendente analogia entre a obra de Kurt Lewin e a de John Dewey. Para os dois, em cada geração a democracia precisa ser reaprendida e constitui ela uma forma de estrutura social muito mais difícil de atingir e conservar que a autocracia. Os dois compreendem a íntima dependência entre a democracia e a ciência social. A democracia não consegue se estabelecer sem o conhecimento das leis da natureza humana em contextos sociais e sem a obediência a essas leis. E sem liberdade de pesquisa e teoria, que unicamente o ambiente democrático pode proporcionar, a ciência social certamente malogra. Podemos dizer que Dewey é o grande expoente filosófico da democracia, e Lewin o seu grande expoente psicológico. Com mais penetração do que qualquer outro, Lewin mostrou-nos, em termos concretos e operacionais, o que significa ser um líder democrático, e criar uma estrutura democrática de grupo.

A Parte II continua a tratar dessa questão. O significado das relações democráticas é discutido em função dos problemas dos clubes juvenis, do casamento (uma análise especialmente brilhante), do moral de grupos nacionais e de situações industriais. Em todos os conflitos face a face, aprendemos que é decisiva a maneira pela qual o indivíduo percebe e interpreta a situação social. Vistas objetivamente, suas percepções podem não corresponder (e frequentemente não correspondem) à realidade social. Todavia, é sempre preciso estudar a estrutura cognitiva e também a perspectiva de tempo do indivíduo. Esperança ou desespero, tenacidade ou hesitação, lucidez ou confusão diante do futuro determinam qualidades essenciais da situação psicológica existente, que precisam

ser levadas em conta na procura de soluções. O interessante estudo de caso na indústria, do Capítulo 8, focaliza estas questões e mostra como a aplicação de ponderações científicas às relações pessoais internas de uma fábrica resolveu com êxito um conflito agudo.

A Parte III, embora trate de problemas de âmbito mais limitado — preconceito e tensão de grupo — contém, de fato, dois níveis diferentes de exposição. O Capítulo 9, escrito em 1935, é o artigo mais antigo dos reunidos neste livro. Trata dos problemas psicológicos de todo grupo minoritário cujo espaço de movimento livre seja restringido por discriminação, por barreiras de casta e preconceito. Enquanto a minoria dos membros do grupo majoritário pode usufruir participação múltipla em diversos grupos e entre eles movimentar-se livremente, sem conflitos, o negro, o judeu, o oriental, e muitas vezes o católico e outros "estranhos", não sabem se têm ou não um espaço de movimento livre. Sua incerteza tem conseqüências psicológicas: freqüentemente são inquietos, freqüentemente atacam as barreiras levantadas contra eles, principalmente se sentem que seus esforços agressivos podem ter êxito. A situação psicológica de um membro do grupo minoritário não difere da de um adolescente, que nunca está bem certo de estar vivendo no mundo da infância ou no da idade adulta. Não é de admirar que algumas das reações de membros de grupos minoritários sejam tão semelhantes às dos adolescentes. Apesar de escrito pouco depois de o autor ter ido para os Estados Unidos, e durante o período em que Lewin estava profundamente preocupado com as perseguições na Alemanha nazista, êste capítulo apresenta uma característica clássica de imparcialidade. Com profunda penetração, estabelece o dilema psicológico dos grupos minoritários de todos os tipos, em todos os lugares, em todos os períodos da História.

De outro lado, observamos como o Capítulo 13, escrito onze anos depois, parece prêsso ao turbilhão da "pesquisa de ação", com poucas conclusões ostensivamente expressas. Considero significativo que êste artigo final da série seja, talvez, o menos decisivo, pois ao tempo de sua morte, Lewin estava ainda ampliando o programa de sua pesquisa e encontrava-se no processo de submeter suas ricas hipóteses a projetos experimentais. Depois de êle ter escrito o primeiro artigo sobre preconceito, os Estados Unidos participaram de uma guerra, sofreram perigosos levantes raciais em seu

país, e tornaram-se profundamente conscientes dos problemas criados pelas hostilidades coletivas. As pesquisas fundamentais passaram a dispor de verbas. Inevitavelmente, Lewin foi levado para êsse novo e importante campo de investigação. O "experimento de mudança" era o tipo de problema que mais o desafiava. Insistia em que era preciso introduzir esforços corretivos numa comunidade preparada para estudar os resultados de sua ação social. Como sempre, o seu programa tinha uma concepção audaciosa. Sabia êle que o processo de reeducação de atitudes exige que os grupos participantes sejam levados a examinar seus objetivos e pressuposições; que, no decorrer das sessões experimentais, os membros sejam levados a assumir os papéis de outras pessoas; que, ao examinar os fundamentos de suas tendências, aprendam a tornar-se imparciais e objetivos. O Capítulo 13 esboça seus experimentos de mudança, mas não é, de maneira alguma, um relatório definitivo. Em fevereiro de 1947, Lewin morreu, antes de ter êsse trabalho indispensável atingido a fase final. Esperamos que outros consigam levar avante o seu programa, a fim de que logo a ciência social possa aprender como servir eficientemente à consciência social.

Os capítulos restantes, 10-12, formam uma trilogia de um tipo um pouco diferente. Embora sejam outras aplicações dos conceitos de espaço de vida, participação marginal e origem social, dirigem-se especificamente à minoria judaica. Seu objetivo é fornecer aos membros dêsse grupo, princípios que lhes orientem a conduta em períodos de tensão. O leitor sente o duro realismo e a nota de compaixão que compõem os julgamentos de Lewin. Para êle, uma criança judia não deve ser protegida contra a situação criada por sua participação no grupo. Não é seguro supor que a discriminação que encontrará na vida futura venha a limitar-se apenas a uns duros safanões, a que ela pode ajustar-se, quando chegar o momento. A base social da vida de um indivíduo é uma questão importante demais para ser deixada ao acaso. Como um filho adotivo, a criança judia, desde pequena, precisa saber que, sob alguns aspectos, suas condições de segurança são diferentes das da criança comum. Ter certeza do grupo a que pertence é a única maneira, tanto para a criança quanto para o adulto, de evitar as devastações da angústia, do ódio a si mesmo e do ressentimento debilitante. Embora nestes capítulos Lewin não se manifeste diretamente a favor do Sionismo, deixa claro que uma

pátria judaica constitui uma necessidade psicológica. No mundo em geral, não existe outra forma de encontrar uma solução estruturada para a posição ambígua dos judeus.

O conteúdo deste livro está tão bem selecionado e tão habilmente organizado, que constitui uma excelente introdução ao sistema de pensamento de Lewin. Na verdade, a seleção apresenta uma ênfase social, e não estão completamente desenvolvidos aqui alguns dos conceitos centrais do sistema de Lewin. Para compreender inteiramente a teoria de campo, o leitor terá de consultar também os outros livros de Lewin. Todavia, este volume consegue transmitir a sua convicção de que as teorias só têm valor se verificadas na ação e a de que, praticamente em todo ato psicológico, é preciso levar em conta o fundamento social da vida mental. O presente livro está repleto daquele realismo social, daquela originalidade e vigor que tornam a obra de Kurt Lewin um marco importante no estudo científico do homem em sociedade.

## PREFÁCIO

ESTA é a primeira de duas coletâneas de trabalhos de Kurt Lewin, organizadas a fim de reunir, para uma leitura cômoda, vários artigos que ele publicou durante os quinze anos que viveu nos Estados Unidos. Durante tal período, seu interesse científico foi-se concentrando cada vez mais nos problemas de psicologia social e dinâmica de grupo. Estes dois volumes pretendem apresentar um levantamento equilibrado de sua obra, interesses e objetivos no estudo da sociedade, e não fornecer uma compilação completa de seus trabalhos.

Enquanto o segundo volume apresentará os artigos mais teóricos, esta primeira coletânea contém a discussão de uma série de questões práticas, tais como as implicadas nas diferenças culturais e na possibilidade de reeducação, nos conflitos em pequenos grupos face a face, como a família ou os operários de uma fábrica, ou nos problemas específicos de grupos minoritários. Ao longo destes artigos, repete-se a análise da natureza e das causas dos conflitos sociais e a procura de técnicas capazes de impedi-los ou resolvê-los.

Num sentido mais amplo, a matéria deste livro pode ser denominada "psicologia aplicada". A preocupação predominante de Kurt Lewin com o aperfeiçoamento da representação conceptual do mundo social e psicológico era tão constante e, ao mesmo tempo, tão premente o seu desejo de aplicar a compreensão teórica à construção de um mundo melhor, que é difícil determinar qual das duas fontes de motivação fluía com maior energia ou vigor. Num de seus artigos mais antigos<sup>1</sup>, não publicado nos Estados

1 Kurt Lewin, *Vorsatz, Wille und Bedürfnis*, Berlin, Julius Springer, (1926).

Unidos, em que traçava o esquema dos estudos experimentais realizados sob a sua orientação na Alemanha, descreve a maneira pela qual, para êle, deviam ligar-se teoria e realidade. Compara essa tarefa à construção de uma ponte sobre um abismo, que separa a teoria da realidade completa do "caso individual". O pesquisador só pode conseguir isso se, como resultado de uma "intensa e constante tensão", conservar tanto a teoria quanto a realidade inteiramente dentro de seu campo de visão.

Hoje, mais de vinte anos depois, ao ler êsse programa da principal obra de sua vida, com o reiterado quadro da ponte a construir, lembro-me da intensa alegria, do quase arrebatamento que meu marido costumava sentir ao guiar o carro pelas grandes pontes norte-americanas sobre o Rio Hudson, sobre a Baía de São Francisco. Não se cansava de admirar essas realizações da engenharia. Sem dúvida, considerava seu campo específico de pesquisa igualmente capaz de ligar o que pareciam extensões tão separadas de território. Especificamente, a relação entre a teoria e as questões sociais profundamente perturbadoras de nossa realidade fazia-o sentir tal "tensão" intensa e persistente.

Desde os passos iniciais de seu trabalho científico, procurou êle aplicar suas descobertas teóricas a uma série de campos práticos, a métodos de ensino, ao trabalho com crianças-problemas, à "saciedade psicológica" dos operários têxteis. Mais tarde, o advento de Hitler, a experiência da rápida transformação de toda uma sociedade sob o poder totalitário, as impressões ligadas à vida e ao trabalho nos Estados Unidos, a possibilidade de comparar situações correspondentes em contextos sociais equivalentes, e finalmente, fator não menos importante, seu profundo comprometimento pessoal, como liberal e como judeu — tudo isso não só aumentava necessariamente a premência e tensão no tocante à aplicação de suas descobertas de psicólogo social, como lhe ampliava a perspectiva teórica no campo social. O Centro de Pesquisas de Dinâmica de Grupo, que fundou no Instituto Tecnológico de Massachusetts (M.I.T.), foi concebido e planejado por êle como um laboratório destinado a desenvolver exatamente tal combinação de pesquisa e ação.

Portanto, o que encadeia e unifica os artigos aqui apresentados é a pesquisa coerente das leis e da dinâmica do comportamento humano, a partir de uma perspectiva teórica definida. Ao reunir

o que originalmente tinha sido preparado para diversos públicos ou grupos de leitores, enfrentamos o problema de como tratar certas repetições. A mesma derivação ou o mesmo exemplo aparecem em vários textos, mas qualquer esforço para eliminar as duplicações significaria interromper o curso do pensamento, romper o todo em fragmentos. Sentimos que isso destruiria demasiadas coisas e que, outrossim, o estilo condensado permitia certa dose de repetição. Gostaríamos que o leitor aceitasse tais repetições como aceitaria os temas de uma peça musical, que reaparecem em diferentes contextos e sempre com novas variações. Embora em alguns desses artigos apareçam alusões a acontecimentos já passados, os problemas subjacentes fundamentais ainda não foram resolvidos. Na verdade, os acontecimentos dos últimos anos vieram a confirmar o diagnóstico e a predição anteriores. Hoje, uma compreensão das forças dinâmicas aqui analisadas continua sendo tão essencial e indispensável quanto sempre foi.

Agradecemos aos editores dos artigos originais a autorização que nos deram de republicá-los aqui. A fim de dar ao leitor uma compreensão melhor dos fatos sociais contemporâneos aos artigos, damos o ano da publicação, depois do título de cada capítulo. Referências bibliográficas mais específicas, de data e local, da publicação original, são citadas a seguir:

"Psycho-Sociological Problems of a Minority Group". *Character and Personality*, (1935), III, pp. 175-187.

"Some Social-Psychological Differences Between the United States and Germany". *Character and Personality*, (1936), IV, pp. 265-293.

"Time Perspective and Morale". *Civilian Morale*, Second Yearbook of the Society for the Psychological Study of Social Issues, ed. Goodwin Watson, Chapter IV. Boston: Houghton Mifflin (1942), Henry Holt and Company, editores atuais.

"Self-Hatred Among Jews". *Contemporary Jewish Record*, (1941), IV, pp. 219-232.

"Experiments in Social Space". *Harvard Educational Review*, (1939), IX, pp. 21-32.

"When Facing Danger". *Jewish Frontier*, September, (1939).

"Cultural Reconstruction". *Journal of Abnormal and Social Psychology*, (1943), XXXVIII, pp. 166-173.

"Conduct, Knowledge and Acceptance of New Values." *Journal of Social Issues*, (1945), I, pp. 53-63. (Em colaboração com Paul Grabbe).

"Action Research and Minority Problems". *Journal of Social Issues*, (1946), II, pp. 34-46.

"Bringing up the Jewish Child". *Menorah Journal* (1940), XXVIII, pp. 29-45.

"The Background of Conflict in Marriage". *Modern Marriage*, ed. Moses Jung, Chapter IV. New York: F. S. Crofts, (1940).

"The Solution of a Chronic Conflict in Industry". *Proceedings of Second Brief Psychotherapy Council*, Chicago: Institute for Psychoanalysis, (1944), pp. 36-46.

"The Special Case of Germany". *Public Opinion Quarterly*, Winter, (1943), pp. 555-566.

Fico muito obrigada ao Dr. Dorwin Cartwright por sua competente orientação e assistência, no planejamento e na organização desta coletânea. O Sr. Simon N. Herman e o Sr. Benjamin Willerman fizeram indicações e críticas muito úteis. Desejo também agradecer à Sra. Dorothy Southmayd por sua inestimável e conscienciosa ajuda em tôdas as minúcias da preparação do manuscrito.

GERTRUD WEISS LEWIN

Newtonville, Massachusetts

Janeiro 2, 1948.

72 - 84

Divergência

2 tipos

19) Diferenças de condutas por culturas.

20) Desvios da norma social numa mesma cultura

18

↑ causas da divergência na max cultura

↳ os mesmos processos que criam o Normal criam o Anormal = a realidade da cultura do grupo do tipo de cultura.

↑  
P/ trabalhar c/ o sujeito divergente

↓  
Educação

↓  
mudança de cultura

↓  
grupo no qual de a cultura pode ser

## EXPERIMENTOS COM ESPAÇO SOCIAL

(1939)

## I

ESTOU CONVENCIDO de que é possível realizar experimentos de Sociologia que têm tanto direito à denominação de científicos quanto os de Física e de Química. Estou convencido de que existe um espaço social dotado de todas as características essenciais de um espaço empírico real, merecedor de tanta atenção dos estudiosos de Geometria e Matemática quanto o espaço físico, embora não seja físico. A percepção do espaço social e a pesquisa experimental e conceptual da dinâmica e leis dos processos no espaço social são de importância fundamental, teórica e prática.

Como sou oficialmente um psicólogo, talvez devesse desculpar-me perante os sociólogos por ultrapassar as fronteiras do meu campo. A minha justificativa é a de que a necessidade impôs tal iniciativa e, em parte, os sociólogos são culpados disso. Pois eles têm acentuado ser totalmente errada a concepção de que um ser humano seja uma entidade biológica, fisiológica. Têm combatido a crença de que apenas os fatos físicos ou biológicos são reais, sendo os fatos sociais meras abstrações. Alguns sociólogos afirmaram que somente o grupo social tem realidade e que a pessoa individual não passa de uma abstração — de um ser que deveria ser adequadamente descrito como uma amostra representativa dos grupos a que pertence.

Qualquer que seja, dessas afirmações, a que se considere correta, será preciso admitir que, particularmente na última década, a Psicologia aprendeu a dar-se conta da extraordinária importância

dos fatores sociais em praticamente toda espécie e tipo de comportamento. É verdade que, desde o primeiro dia de sua vida, a criança faz parte de um grupo e morrerá se o grupo não cuidar dela. Os experimentos sobre êxito e fracasso, nível de aspiração, inteligência, frustração e todos os demais, demonstraram, de maneira cada vez mais convincente, que o objetivo que uma pessoa se propõe é profundamente influenciado pelos padrões sociais do grupo a que pertence ou deseja pertencer. O psicólogo atual reconhece que existem poucos problemas mais importantes para o desenvolvimento da criança e para o problema da adolescência que um estudo dos processos pelos quais uma criança incorpora ou se opõe à ideologia e ao estilo de vida predominante em seu clima social, às forças que a levam a pertencer a determinados grupos, ou que determinam seu *status* social e sua segurança dentro desses grupos.

Uma tentativa autêntica de abordar experimentalmente esses problemas — por exemplo, os de *status* social ou liderança — implica, tecnicamente, a necessidade de criar diferentes tipos de grupos, e de estabelecer experimentalmente uma série de fatores sociais que poderiam alterar tal *status*. O psicólogo social experimental terá de familiarizar-se com o trabalho de criar experimentalmente grupos, de criar um clima social ou estilo de vida. Espero portanto que o sociólogo o desculpe quando ele não possa evitar ocupar-se também dos problemas, ditos sociológicos, de grupos e de vida grupal. Talvez o psicólogo social possa até mostrar-se de considerável utilidade para o sociólogo. Frequentemente, a pesquisa na linha fronteira de duas ciências se mostrou particularmente vantajosa para o progresso de ambas.

Tome-se, por exemplo, o conceito de "grupo social". Tem havido muita discussão sobre como definir um grupo. O grupo tem sido amiúde considerado como algo mais que a soma dos indivíduos, algo melhor e mais elevado. Atribuiu-se a ele uma "mentalidade grupal". Os que se opõem a esta opinião consideram o conceito de "mentalidade grupal" mera metafísica e acham que, na realidade, o grupo não passa da soma dos indivíduos. A quem tenha acompanhado o desenvolvimento, em Psicologia, do conceito de organismo, todo ou Gestalt, esta argumentação soa estranhamente familiar. Nos primórdios da teoria da Gestalt, no tempo de Ehrenfels, atribuíam-se a um todo psicológico, como a uma melodia, uma qualidade denominada de Gestalt — isto é, uma enti-

dade adicional, uma como que mentalidade do grupo que se supunha o todo tivesse, além da soma de suas partes. Hoje sabemos que não precisamos de supor uma qualidade gestáltica mística, mas que qualquer todo dinâmico tem características próprias. O todo pode ser simétrico, embora as partes sejam assimétricas; um todo pode ser instável, embora suas partes sejam estáveis.

Tanto quanto alcanço compreender, apresenta tendência análoga, em Sociologia, a discussão relativa à oposição entre o grupo e o indivíduo. Os grupos são todos sociológicos; pode-se definir operacionalmente a unidade desses todos sociológicos, do mesmo modo que uma unidade de qualquer outro todo dinâmico, a saber, pela interdependência de suas partes. Tal definição despoja de misticismo a concepção de grupo e reduz o problema a uma base totalmente empírica e experimental. Ao mesmo tempo, significa completo reconhecimento do fato de que as características de um grupo social, tais como sua organização, estabilidade, objetivos, são diferentes da organização, estabilidade e objetivos dos indivíduos que o compõem.

Como, então, se deve descrever um grupo? Discutamos a influência das atmosferas ou clubes democráticos, autocráticos e de *laissez faire* criados experimentalmente por R. Lippitt, e R. Lippitt e R. K. White, na "Iowa Child Welfare Research Station" (Pósto de Pesquisas Sobre o Bem-Estar da Criança, de Iowa). Suponhamos que o clube tivesse cinco membros e que se dispusesse de cinco observadores. Poderia parecer ser a maneira mais simples designar sempre um observador para cada membro do clube. Todavia, no melhor dos casos, o resultado seriam cinco microbiografias paralelas de cinco indivíduos. Este processo não produziria um registro satisfatório, sequer de fatos simples da vida do grupo, tais como sua organização, seus subgrupos e as relações entre seus líderes e membros, para não falar de fatos importantes como a atmosfera geral. Por isso, em vez de designar um observador para cada indivíduo, designou-se um observador para registrar de minuto a minuto a organização do grupo em subgrupos, outro para registrar as interações sociais, etc. Por outras palavras, ao invés de observar as características dos indivíduos, foram observadas as características do grupo como tal.

Ainda em outro ponto a Sociologia pode tirar bom proveito da Psicologia. É um lugar-comum dizer que o comportamento dos indivíduos, bem como o dos grupos, depende de sua situação e de

O grupo  
instrumental  
D  
mudar  
A  
mentalidade  
grupal

1000

Papeis

Demo

1 LIDER

2 Influência de Piéron

3 Bode-espantoso / 4 Portavoz / 5 Sabote

Teoria de campo

sua posição peculiar nêles. Acho que a última década da Psicologia mostrou que é possível fazer, em termos científicos, uma descrição clara e minuciosa da estrutura peculiar de uma situação concreta e de sua dinâmica. Pode-se até fazê-la em termos matemáticos exatos. A mais jovem disciplina da Geometria, denominada "topologia", é um instrumento excelente para determinar o padrão do espaço de vida de um indivíduo, e para determinar, dentro desse espaço de vida, as posições relativas que as diferentes regiões de atividade, ou pessoas, ou grupos de pessoas, mantêm entre si. Tornou-se possível transformar em termos matemáticos afirmações cotidianas como: "Agora, êle está mais próximo de seu objetivo de se tornar um médico de primeira", "Êle mudou a direção de suas ações", ou "Êle aderiu a um grupo". Em outras palavras, é possível determinar, de maneira geomêtricamente precisa, a posição, a direção e a distância dentro do espaço de vida, mesmo nos casos em que a posição da pessoa e a direção de suas ações não sejam de natureza física, e sim social. Com isto em mente, voltemos ao experimento social empreendido na "Iowa Child Welfare Research Station".

→ Situação grupal = todo pensamento de Lewin

II

1 Observações  
2 Experimentos  
3 Hipóteses

Sabe-se muito bem que o êxito de uma professora na sala de aula depende não só de sua aptidão mas também, em grande parte, da atmosfera que cria. Esta atmosfera é algo de intangível; é uma propriedade da situação social como um todo, e poderia ser medida cientificamente, se examinada de tal ângulo. Como início, Lippitt escolheu portanto, para seu estudo, uma comparação entre uma atmosfera democrática e uma atmosfera autocrática. O objetivo de seu experimento não era reproduzir qualquer autocracia ou democracia dada, ou estudar uma autocracia ou democracia "ideal", mas criar estruturas que permitissem a compreensão da dinâmica subjacente do grupo. Dois grupos de meninas e meninas, de dez e onze anos de idade, foram escolhidos, num grupo de ansiosos voluntários de duas classes diferentes da escola, para formarem um clube de fabricação de máscaras. Com o auxílio do teste de Moreno, os dois grupos foram tanto quanto possível equiparados, no tocante a qualidades como liderança e relações interpessoais. Houve onze reuniões dos grupos, sendo que o grupo democrático se reunia sempre dois dias antes do autocrático. O

"corpos doces e submissos" → focault  
 → focault  
 pois o grupo...

grupo democrático escolhia livremente suas atividades. O que quer que escolhesse, o grupo autocrático recebia ordens de fazer. Dessa forma, igualaram-se as atividades do grupo. De modo geral, pois, tudo foi mantido constante, exceto a atmosfera do grupo.

Nos dois grupos, o líder era um estudante adulto. Tentava criar diferentes atmosferas utilizando a seguinte técnica:

Democrático

Autoritário → um caminho

decisão  
 sugerir

1. Todos os planos de ação são resultado de decisão do grupo, encorajado e acicatado pelo líder.  
 - Imposição  
 - status  
 - há rotatividade
2. Perspectiva de atividades apresentada por uma explicação das fases gerais do processo, durante discussão na primeira reunião (molde de argila, gesso, papier-mâché, etc.). Quando eram necessários conselhos técnicos, o líder procurava indicar dois ou três processos alternativos, entre os quais se podia escolher.
3. Os participantes tinham liberdade para trabalhar com quem quisessem, e a divisão de tarefas cabia ao grupo.
4. O líder procurava ser um membro do grupo, em espírito e na discussão, mas não realizar grande parte do trabalho. Elogiava e criticava objetivamente.

Liberdade de escolha

1. Toda decisão de planos feita pela pessoa mais forte (o líder).  
 - Imposição  
 - status  
 - há rotatividade
2. Técnicas e etapas para atingir o objetivo (a máscara completa) ditadas pela autoridade, um de cada vez, de maneira que a orientação futura era sempre incerta, em larga medida.  
 - tudo decidido pelo líder  
 - críticas/observações  
 - objetivos  
 - líder isolado do grupo
3. A autoridade determinava geralmente, de maneira autocrática, o que cada participante devia fazer e com quem devia trabalhar.  
 - grupo hostil
4. O dominador criticava e elogiava as atividades do indivíduo sem dar razões objetivas, e abstinha-se de participação ativa no grupo. Mantinha-se sempre impessoal, mais que exteriormente hostil ou cordial (uma concessão necessária, em método).  
 - baixo nº de subgrupos → devido

ordem  
 claro  
 ideias  
 pelo  
 líder

Durante as reuniões dos dois grupos, os observadores anotaram o número de incidentes e ações por unidade de tempo. Obser-

vou-se que o líder autocrático exercia o dôbro de ação sôbre os membros, comparativamente ao democrático, vale dizer, 8,4 ações contra 4,5. Esta diferença é ainda maior se se levar em conta apenas a abordagem social iniciada, a saber, 5,2 contra 2,1. Ainda maior é tal diferença em relação ao comportamento dominante ou dominante iniciado: as ações dominantes do líder autocrático foram quase três vêzes mais freqüentes que as do democrático.

Quanto às ações de submissão, a proporção foi inversa, isto é, mais freqüentes no líder democrático, embora nos dois grupos as ações de submissão do líder fôssem relativamente raras. Uma relação análoga estabeleceu-se no caso das ações objetivas, práticas, em que também o líder democrático apresentou maior freqüência.

De modo geral, portanto, houve um impacto muito maior do líder sôbre os membros do grupo no caso da autocracia que no da democracia, e a abordagem foi muito mais dominante e menos prática.

Quando tentamos responder à pergunta "Qual a diferença entre o líder e o membro comum numa autocracia e numa democracia?", precisamos referir-nos a um membro médio ideal, que é uma representação estatística do que aconteceria se tôdas as atividades fôssem distribuídas igualmente entre os membros do grupo, inclusive o líder. No experimento de Lippitt, os números demonstram claramente dois fatos: primeiro, em ambos grupos o líder realmente liderava. O líder autocrático apresentou 118 por cento mais atos dominantes iniciados que o membro médio ideal, e o líder democrático 41 por cento mais. Ambos os líderes eram menos submissos que o membro médio, isto é, o autocrata o era 78 por cento, o democrata, 53. Foi interessante observar que ambos também mostraram mais ação prática que o membro médio ideal.

Todavia, a diferença entre o membro comum e o líder era muito menos acentuada na democracia que na autocracia, tanto na ação dominante quanto na submissão. O líder democrático distinguia-se mais, também relativamente, por seu maior espírito prático.

O que demonstram êsses números acêrca da situação em que se encontram os participantes do grupo autocrático e democrático? Posso mencionar apenas alguns aspectos: no grupo autocrático, é o líder que estabelece o plano de ação. Por exemplo, uma criança

diz: "Pensei que tivéssemos decidido fazer a outra máscara." O líder responde: "Não, *esta é a que decidi*, na última vez, ser a melhor." Em termos dinâmicos, um incidente dêsses significa que a criança teria sido capaz de atingir seu próprio objetivo, mas o líder ergue uma barreira contra esta locomoção. Em vez, dá à criança outro objetivo e faz força nessa direção. Estamos chamando tais objetivos, estabelecidos pelo poder de outra pessoa, de objetivo *induzido*.

Um exemplo paralelo no grupo democrático poderia ser êste: Uma criança pergunta, "De que tamanho é para fazer a máscara? São de argila ou de quê?" O líder responde: "Gostaria que eu lhe desse uma pequena idéia de como as pessoas geralmente fazem máscaras?" Em outras palavras, o líder no grupo democrático, em vez de impedir as crianças de atingirem seu objetivo, franqueia as dificuldades que possam existir. Para o grupo democrático, muitos caminhos se abrem; para o autocrático, apenas um, a saber, odeterminado pelo líder. Numa autocracia, o líder determina não apenas o tipo de atividade, mas também quem deve trabalhar com quem. Em nossa democracia experimental, tôda cooperação de trabalho era resultado de subagrupamento espontâneo das crianças. Na autocracia, 32 por cento dos grupos de trabalho foram iniciados pelo líder, contra 0 por cento na democracia.

De modo geral, pois, a atmosfera autocrática propicia um domínio muito maior e mais agressivo do líder, e uma redução do livre movimento dos membros, a par de enfraquecimento de seus campos de força.

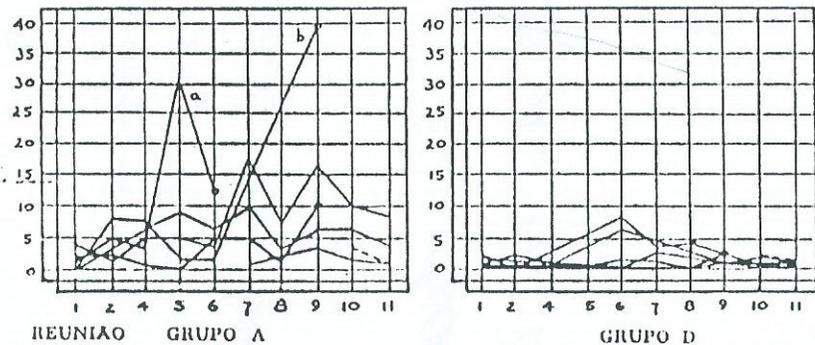
### III

Qual é a influência dessa atmosfera sôbre a vida grupal das crianças? Tal como foi medida pelos observadores, a relação entre as crianças era assaz diferente nas duas atmosferas. Havia aproximadamente trinta vêzes mais dominação hostil na autocracia que na democracia, mais exigências de atenção e muito mais crítica hostil, ao passo que na atmosfera democrática era muito mais freqüente a cooperação e o elogio ao companheiro. Na democracia, eram feitas sugestões mais construtivas e era mais freqüente comportamento prático ou submisso de membro para membro.

Na interpretação destes dados, poderíamos dizer que o "estilo de vida e pensamento" introduzido pelo líder dominou as relações entre as crianças. Na autocracia, em vez de uma atitude cooperativa, prevaleceu uma atitude hostil e extremamente pessoal. Isto se destacou notavelmente pela proporção de sentimento grupal de "nós", em oposição ao sentimento de "eu". As afirmações "centradas no nós" ocorriam duas vezes mais na democracia que na autocracia, enquanto, na autocracia, muito mais afirmações "centravam-se no eu" que na democracia.

No que respeita à relação das crianças para com o líder, a análise estatística revelou que no grupo autocrático as crianças *menos submissas* entre si eram *duas vezes mais* submissas ao seu líder que as crianças no grupo democrático. No grupo democrático, aproximações iniciadas pelo líder eram menos frequentes que no grupo autocrático. Na autocracia, a ação do membro em relação ao líder tinha mais o caráter de *uma resposta* à sua aproximação. Na autocracia, a abordagem do líder era mais submissa ou, pelo menos mantida numa base positiva.

De modo geral, pois, o estilo de vida nas duas atmosferas governava a relação entre as crianças, assim como a relação entre a criança e o líder. No grupo autocrático, as crianças eram menos



RECIPIENDÁRIOS DO COMPORTAMENTO DOMINANTE

FIGURA VIII

As curvas indicam que o teor de comportamento dominante dirigido contra os diversos indivíduos era muito maior na autocracia (*grupo A*) que na democracia (*grupo D*). Na autocracia, dois indivíduos (*a* e *b*), foram tratados como bodes expiatórios (na 5ª e 6ª e na 9ª reuniões, respectivamente).

positivas, menos cooperativas e submissas diante de seus pares, mas mais submissas ao seu superior que na democracia.

Existe uma série de fatores por detrás dessa diferença de comportamento. A tensão é maior na atmosfera autocrática, e a estrutura dinâmica dos dois grupos é assaz diferente. Num grupo autocrático, existem dois níveis claramente distintos de status social: o líder é o único a ter status superior, ficando os outros num nível igualmente baixo. Uma forte barreira erguida pelo líder impede que qualquer um suba de status conquistando a liderança. Numa atmosfera democrática, a diferença de status social é pequena e não existe barreira para atingir a liderança.

Isto tem efeito bastante nítido sobre o teor de originalidade. Em nosso experimento, todo indivíduo, na democracia, apresentava originalidade relativamente maior num certo campo seu, malgrado o maior sentimento de "nós", ou talvez por causa disso. No grupo autocrático, ao contrário, todas as crianças tinham status baixo, sem muita originalidade. O tipo de subgrupos apresentava ainda mais claramente tal diferença. Na autocracia, havia pouco sentimento de "nós" e um número relativamente pequeno de subgrupos entre as crianças. Quando o trabalho exigia a cooperação de quatro ou cinco crianças, era o líder que tinha de mandar os participantes se reunirem. Na democracia, os grupos se reuniam espontaneamente e duravam o dobro do tempo dos da autocracia. Nesta, tais unidades maiores se desintegravam muito mais rapidamente quando deixadas à sua sorte.

Nos experimentos de Lippitt, essas estruturas de grupo, combinadas com a alta tensão na autocracia, levaram à situação de *bode expiatório*. No grupo autocrático, as crianças se juntaram em bandos, não contra seu líder, mas contra uma das crianças e a trataram tão mal que ela deixou de frequentar o clube. Isso ocorreu com duas crianças durante doze sessões. No sistema autocrático, toda elevação de status por via de liderança era bloqueada, e a tentativa de dominar era ditada pelo estilo de vida. Em outras palavras, cada criança se tornava inimiga potencial das outras, e os campos de poder das crianças se enfraqueciam uns aos outros, em vez de se fortalecerem pela cooperação. Combinando-se num ataque contra um indivíduo, os membros que de outra maneira não poderiam conseguir status mais alto, alcançaram-no pela supressão violenta de um dos companheiros.

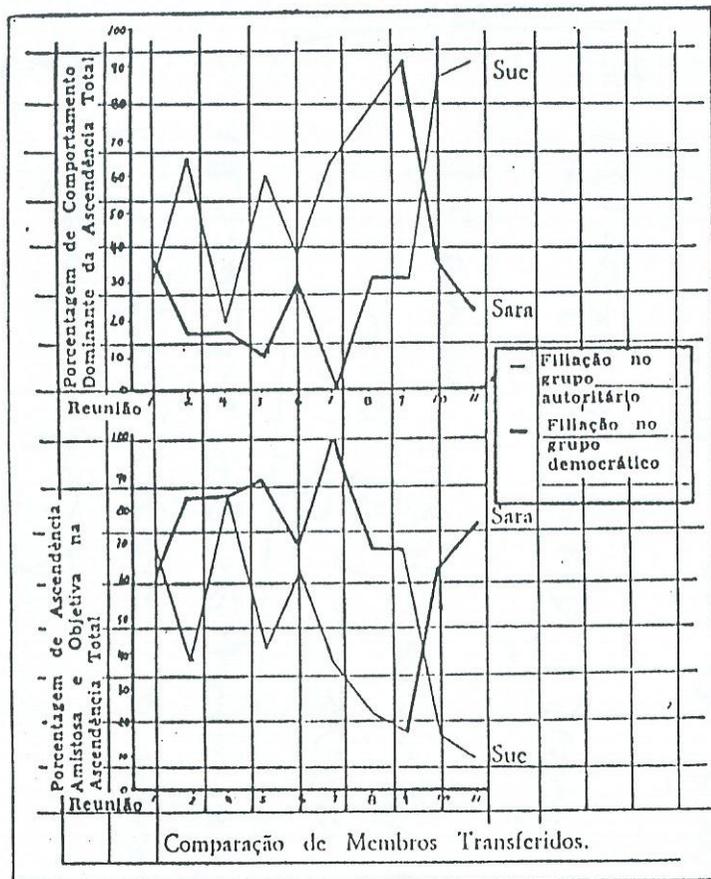


FIGURA IX

Após a oitava reunião, Sue foi transferida do grupo democrático para o autocrático; Sara, do autocrático para o democrático. O caráter manifesto das duas crianças mudou de acordo com a atmosfera.

Pode-se perguntar se estes resultados não se devem apenas a diferenças individuais. Uma série de fatos exclui tal explicação, embora, naturalmente, as diferenças individuais sempre desempenhem um papel. De particular interesse foi a transferência de

Transferência de membros

uma das crianças do grupo autocrático para o democrático, e de outra do democrático para o autocrático. Antes da transferência, a diferença entre as duas crianças era a mesma que entre os grupos a que pertenciam, isto é, a criança autocrática era mais dominadora e menos cordial e objetiva que a democrática. Todavia, depois da transferência, o comportamento mudou, de maneira que a criança anteriormente autocrática se tornou menos dominadora e mais cordial e objetiva. Em outras palavras, o comportamento das crianças espelhou bem rapidamente a atmosfera do grupo em que se moviam.

Mais tarde, Lippitt e White estudaram quatro novos clubes, com outros líderes. Incluíram uma terceira atmosfera, a saber, a do *laissez faire*, e expuseram as mesmas crianças, sucessivamente, a uma série de atmosferas. De modo geral, os resultados concordaram com os de Lippitt.

Apresentam uma notável diferença entre *laissez faire* e democracia, muito favorável à democracia. Apresentam também dois tipos de reação nos grupos autocráticos, uma caracterizada pela agressão, a segunda pela apatia.

De modo geral, creio que existem fartas provas de que a diferença de comportamento em situações autocráticas, democráticas e de *laissez faire*, não provém de diferenças individuais. Tive poucas experiências tão impressionantes quanto a de ver mudar a expressão nos rostos das crianças durante o primeiro dia de autocracia. O grupo cordial, aberto, cooperativo e cheio de vida, tornou-se, ao cabo de apenas meia-hora, uma reunião apática, sem iniciativa. A mudança de autocracia para democracia parecia levar um pouco mais de tempo que de democracia para autocracia. A autocracia é imposta ao indivíduo. A democracia, é a precisa aprender.

auto + agressão + apatia

IV

Estes experimentos, em conjunto, confirmam, pois, as observações da Antropologia Cultural e estão concordes com outros experimentos sobre o efeito da situação como um todo. O clima social em que uma criança vive é, para ela, tão importante quanto o ar que respira. O grupo a que ela pertence é o solo em que pisa. Sua relação com esse grupo e sua posição nêlo constituem os fatores mais importantes do seu sentimento de segurança ou

insegurança. Não admira que o grupo de que a pessoa faz parte, e a cultura em que vive, determinem em grande parte seu comportamento e caráter. Esses fatores sociais determinam o espaço de movimento livre de que dispõe, e até que ponto pode ela prever, com alguma clareza, seu próprio futuro. Em outras palavras, determinam em grande parte o estilo pessoal de vida da pessoa e a direção e produtividade de seu planejamento.

Hoje em dia, é lugar-comum culpar a deplorável situação mundial pela discrepância entre a grande capacidade do homem de dominar a matéria física e sua incapacidade de manejar as forças sociais. Por sua vez, considera-se causa dessa discrepância o fato de o desenvolvimento das ciências naturais ter suplantado de muito o desenvolvimento das ciências sociais.

Sem dúvida, tal diferença existe; tem sido e é de grande significação prática. Apesar disso, acho que esse lugar-comum contém apenas meia verdade, e talvez valha a pena indicar a outra metade da história. Suponhamos que, de repente, fôsse possível elevar o nível das ciências sociais ao das ciências naturais. Infelizmente, isto dificilmente bastaria para tornar o mundo um lugar seguro e agradável para nele se viver. Porque os resultados das ciências físicas e das sociais podem ser igualmente utilizados pelo bandido como pelo médico, para a guerra como para a paz, por um sistema político como por outro.

Internacionalmente, ainda vivemos essencialmente num estado de anarquia, semelhante ao da lei da espada durante os tempos medievais. Enquanto não houver entidades internacionais capazes e desejosas de pôr em prática leis internacionais, os grupos nacionais terão sempre de escolher entre curvar-se diante do banditismo internacional ou defender-se.

? — Parece "natural", para as pessoas que vivem numa tradição inteiramente democrática como a dos Estados Unidos, acreditar que o que é cientificamente razoável deveria ser finalmente aceito por toda parte. Todavia, a História o mostra, e experimentos como o que descrevi o provarão novamente — creio eu — que de maneira alguma é universal a crença na razão como um valor social, mas constitui, ela própria, um resultado de uma atmosfera social definida. Acreditar na razão significa acreditar na democracia, porque ela propicia aos partícipes raciocinantes uma posição de igualdade. Portanto, não foi por acaso que somente com o desenvolvimento da democracia, ao tempo das revoluções norte-

-americana e francesa, que a deusa da "razão" se entronizou na sociedade moderna. E também não foi por acaso que o primeiro ato do Fascismo moderno, em todos os países, consistiu em, oficial e vigorosamente, destronar essa deusa e, em seu lugar, fazer das emoções e da obediência os soberanos princípios na educação e na vida, do jardim da infância até à morte.

Estou convencido de que a Sociologia científica e a Psicologia Social, baseadas numa íntima combinação de experimentos e teoria empírica, podem contribuir, tanto ou mais que as ciências naturais, para a melhoria humana. Contudo, o desenvolvimento de tal ciência social realista, não-mística, e a possibilidade de sua aplicação secundária, pressupõe a existência de uma sociedade que acredite na razão.